

DISCURSOS SOBRE A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO NA INTERSECÇÃO DE RAÇA, CLASSE e GÊNERO

*Por Luiz Antônio Nolasco Velasco¹
Carlos Roberto de carvalho²*

Introdução: o contexto do discurso.

Como sabemos a Constituição Federal de 1988 instituiu a obrigatoriedade de concursos públicos para o provimento de cargos em todas as esferas da federação. Uma medida auspiciosa que tornaria o ingresso para o magistério público de forma democrática e republicana, evitando assim, as relações de compadrios e de clientelismos de toda ordem e tipo.

Livres das relações pessoais (relações muitas vezes espúrias) que sempre beneficiam alguns poucos e prejudicam milhares de outros, os quadros funcionais dos servidores públicos que integrariam o magistério público federal, estaduais e municipais tenderiam se modificar. A ideia vigente era que, a partir dessa “nova” modalidade de contratação, a educação brasileira melhoraria, pois contaria, a partir de então, com um quadro mais qualificado de servidores públicos, não mais constituído pelas benesses dos políticos, antes pelo mérito dos conhecimentos.

Em nosso modo de ver, a existência de tais exigências garantidas por lei beneficiou sobremaneira todos os setores da sociedade, principalmente, as pessoas oriundas das classes populares que até então se encontravam alijadas do mercado de trabalho das escolas públicas federais, estaduais e municipais. Essa medida veio beneficiar, ainda que de forma incipiente, milhares de negros e de negras que viram uma porta aberta para sua ascensão social. Ascensão esta em que apenas precisaria contar com seus próprios esforços intelectuais para concorrer e pleitear uma vaga no mercado de trabalho, começando a romper, assim, com as intransponíveis barreiras que silenciosamente lhes eram/são impostas pelos preconceitos de raça e cor. Preconceitos esses que, embora negados pelo mito da democracia racial, infelizmente vigem entre nós, impedito aos negros e as negras sua ampla participação no mercado de trabalho.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc).

² Doutor em educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc)

Nesta perspectiva, a quase ausência de negros como docentes no sistema educacional brasileiro era ou ainda é vista como uma simples questão de gosto pessoal ligada ao querer ou não querer de cada um. Em última análise, segundo o censo comum, os negros não são feitos para isso, para o exercício das atividades intelectuais, continuavam/continuam como sempre foram/são vistos como menos aptos para atividades manuais. Como se ainda fora, conforme constatou Antonil³ (1982, p. 89) “os pés e as mãos dos senhores de engenho”. Daí a sua ínfima participação no sistema educacional brasileiro ou em qualquer outro setor em que as atividades intelectuais prevalecem frente às manuais. Presença essa que, graças à lei dos concursos públicos, acabou por alterar mesmo que timidamente os quadros docentes.

Embora tímida pode-se observar algumas mudanças. Mudanças que apesar de positivas, coincidiram com um novo discurso sobre a escola pública que passou a ser vista como uma escola de baixa qualidade.

É nessa desconfiança dos discursos sobre a educação em um período que o acesso a escola pública se democratizou e passou a ser direito de todos e dever do Estado Brasileiro (CF. 1988) que queremos investigar, criticar e duvidar do discurso da qualidade da educação.

Problema: a qualidade da educação

A partir da década de oitenta, no auge do neoliberalismo, os discursos sobre a qualidade (ou má qualidade) é o discurso que circula e predomina no campo da educação, indicando-nos, assim, segundo alguns estudiosos do tema uma grave crise. Crise essa que, segundo uma vasta literatura produzida por diversos autores do campo da educação, deveria ser enfrentada e superada pelo esforço de toda a sociedade brasileira. Esta conclusão, por certo, deixou o problema da qualidade da educação um campo aberto de debate, permitindo que outros setores da sociedade, (políticos, sociedade civil e a classe empresarial) viessem a participar dele e dar seus pontos de vista, buscando dar um novo sentido da educação.

É no âmbito dessa *polifonia-polissemia* (Bakhtin/VOLOSHINOV, 1992) em torno e sobre a “qualidade da educação” (palavra que se constitui uma agenda da política educacional nas últimas décadas) que nos inserimos para refletir sobre os processos (históricos, sociais, políticos e econômicos) da educação brasileira. Destarte,

³ Giovanni Antonio ou João Antônio Andreoni, que adotou o nome André João Antonil (Lucca, Toscana, 8 de fevereiro de 1649 — Salvador, 13 de março de 1716) foi um jesuíta italiano.

tomado como ponto de partida, já que são discursos de “verdades” ou “mentiras”, os estudos sobre a linguagem propostos pelo filólogo e filósofo da linguagem Mikhail M. Bakhtin.

É a partir das reflexões linguísticas de Bakhtin/Voloshinov e seu círculo que examinaremos o enunciado “qualidade *da* educação” na década de oitenta e noventa de modo que possamos compreender como tal discurso incidiu/incide ideologicamente nas políticas de formação de professores/professoras seja nos anos 80-90 seja nos dias atuais. Gostaríamos, sobretudo de compreender como esse discurso incidiu e ainda possa estar incidindo nos discursos e nas práticas educacionais das instituições escolares da Baixada Fluminense, mas detidamente nas escolas de formação de professores de Nova Iguaçu. Interessamos saber o que pensam os professores e professoras a respeito da qualidade da educação? Como eles respondem/responderam a essa demanda? Como o discurso da qualidade da educação interferiu e interfere na trajetória de sua formação e atuação profissional? A quem cabe realizar essa bendita ou maldita qualidade? São essas entre muitas outras perguntas que esperamos encontrar respostas ainda não sabidas por nós. Os problemas a serem investigados então, não poderia ser outro:

- I- Por que a partir da década de oitenta e noventa os discursos sobre a qualidade da educação tornou-se uma questão importante e predominante?
- II- Como tais discursos foram apropriados pelos diversos segmentos da sociedade brasileira?
- III- Que sentidos estão sendo dando a palavra “qualidade” quando a enunciamos e reclamamos por uma qualidade *para* e *na* educação?

Caminhos teórico-metodológicos

Segundo Bakhtin (op.cit.) é *nas* e *pelas* palavras que os homens se revelam aos outros homens. É *na* e *pelas* palavras que nos revelamos (ou nos velamos) e tomamos posição diante dos acontecimentos do mundo que nos rodeia. Para ele, assim como o é para nós, as palavras, mais que quaisquer outros são signos ideológicos por excelência e possuem sempre uma orientação social precisa. A palavra se dirige e é ponte entre mim e os outros com os quais convivo e compartilho a vida social. Segundo Bakhtin/Voloshinov (Op.cit.), a palavra enquanto signo ideológico, jamais poderá ser neutra antes arena de disputa, de conflitos e resistência.

Assim como é para Bakhtin/Voloshinov (Idem) a palavra “qualidade” será abordada por nós como signo ideológico, como signo social compartilhado no qual se

podem perceber seus valores contraditórios presentes em determinada comunidade de falantes.

Assim posto, nossas questões iniciais são bem simples, mas como toda pergunta simples suas respostas não serão tão simples assim. De qual qualidade estamos falando quando enunciamos e almejamos a “Qualidade da educação”? A quem interessa tal qualidade? Por que foi na década de oitenta, e não em outra época qualquer que tais enunciados ganharam uma significância de extrema relevância nas diversas comunidades e segmentos sociais? A quem, para dizer com Bakhtin (Op.cit.), a palavra “qualidade” se dirige: aos governos? Aos professores? Ou aos alunos e alunas das classes populares que nesse período acorriam massivamente ao sistema educacional brasileiro? A todas essas perguntas, cujas respostas ainda ignoramos, buscaremos responder em nossa pesquisa, como já dissemos anteriormente, a partir das práticas linguísticas e nos apoiando nos estudos da linguagem de Bakhtin/Voloshinov e de seu Círculo. Segundo Bakhtin/Voloshinov (Op.cit.) a língua é um fato social, cuja existência se funda nas necessidades da comunicação e enquanto tal não pode ser tomada como objeto ideal e homogêneo, mas, ao contrário como manifestação social concreta, não individual. Segundo autores do círculo bakhtiniano a fala encarnada nos sujeitos (falantes) está indissolivelmente ligada às condições da comunicação que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais. É esta ligação indissolúvel que faz da palavra a arena onde se confrontam aos valores sociais contraditórios.

Em outras palavras, para fins de nossa pesquisa, tomaremos o enunciado “qualidade da educação”, não como palavra neutra e abstrata, antes, como arena de conflitos em que os valores sociais de múltiplos sentidos refletem posições variadas de classes de raças e de gêneros, enfim valores contraditórios. Diferente dos sentidos dicionarizados a palavra é multiacentuada, multifacetada de modo que comunidade semiótica e classe, raça e gênero não se recobrem. Antes, em cada uma dessas categorias sociais, havemos de encontrar diferenças de registros e de sentidos.

Ao contrário, apoiados em Bakhtin/Voloshinov podemos afirmar que na comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação que havemos de perceber conflitos, relações de dominação, de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, a utilização da língua pela classe dominante e/ou pelos que são ou estão sendo dominados. Neste sentido, estamos convencidos que a palavra “qualidade” por si só não é nada e não pode ser nada além de um simples vocábulo se ela não for percebida no conjunto de outras formas de comunicação *da* e *na* prática social.

Estamos convencidos ainda que a palavra, só pode existir como enunciado de verdade ou mentira, como coisa má ou boa, agradável ou desagradável enquanto enraizada em um determinado contexto social e histórico. É, portanto, o contexto histórico em que ela, a palavra qualidade é ou está sendo proferida que buscaremos captar os seus múltiplos sentidos e a partir de três perspectivas já anunciadas anteriormente: a de classe, raça e gênero. É a partir dessa tríplice interseção que pretendemos perceber as fases e os processos históricos, a forma como os educadores e as educadoras da Baixada Fluminense responderam reagiram aos discursos da *qualidade ou má qualidade* da educação. Que verdades e mentiras, que coisas boas ou más os professores que trabalham na Baixada Fluminense e principalmente os que trabalham de Nova Iguaçu têm a nos contar, nos dizer, nos negar ou nos afirmar a respeito e sobre a qualidade *da e na* educação?

Passos da pesquisa

Frente às questões levantadas por nós, cumpre-nos nos pôr a caminho no e ao encontro de nossas respostas. Para tal anunciamos, ou antecipamos nessa seção alguns passos que ajuizamos como úteis para adentramos ao campo de nossa pesquisa. Passos ainda que incertos, mas necessários para um maior entendimento dos discursos produzidos sobre a qualidade. Discurso esse que, como já afirmamos anteriormente, só pode ser ouvido no curso da prática social encarnado no e pelos sujeitos.

- 1° Investigar a entrada ou não de professor oriundos das classes proletárias e afrodescendentes na rede de educação pública estadual partir da década de 1980.
- 2° Observar em escolas de Nova Iguaçu estatisticamente a origem socioeconômica dos professores.
- 3° Analisar bibliografias que versem sobre a qualidade da educação.
- 4° Definir Qualidade de educação para os meios de comunicação privados e oficiais.
- 5° Entrevistar e ouvir as narrativas dos educadores e a sua relação com a dita qualidade da educação.
- 6° Analisar documentos oficiais que versem sobre o discurso da qualidade da educação.

Qualidade da educação: que coisa é?

Para efeito de nossas primeiras reflexões comecemos pensar nessas duas palavras. Comecemos por nos perguntar sobre o que é “qualidade da educação” sobre que coisa é essa coisa que chamamos de educação? Partiremos então das noções mais usuais e cotidianas. Também, no decorrer de nossa análise nos serviremos dos conceitos formulado ao longo do tempo pelos teóricos e especialistas que tratam ou trataram da educação, que se preocuparam com o Ser da educação e com o Ser de sua qualidade.

Segundo a noção mais geral que nos ocorre no momento, à palavra educação nos leva logo de imediato a pensar em processo de ensino e aprendizagem. Enquanto tal trata-se de uma relação entre pessoas ou grupos. Entre dois ou mais sujeitos que aprendem algo e outros que ensinam algo em “benefício” de alguém que deseja ou precisa aprender algo ou alguma coisa. Em benefício de alguém que precisa ou deseja ensinar a outrem algo ou alguma coisa. Nesse sentido a educação é algo que se dá geralmente numa relação hierarquizada e desigual de conhecimento; entre um alguém que sabe algo ou alguma coisa (portanto, encontra-se em condição de transmitir algo a um alguém) e outro alguém que não sabe, mas que deseja-precisa saber/aprender. Nesse sentido a educação pressupõe, desde o início, uma relação entre dois tipos de sujeito diferentes e diferenciado em termos de conhecimento: um que sabe e outro que não sabe. Entre um sujeito-educador mais experiente em tal ou tais coisas e um sujeito-educando ainda inexperiente em determinado assunto ou tema, mas em condição de aprender. Pois aprender, educar-se segundo Rousseau é uma qualidade ou uma necessidade dos seres humanos. Segundo o autor do Emilio “tudo o que não temos ao nascer e de que precisamos nos é dado pela educação” (1995, p.8).

Outro sentido que podemos dar a educação e que nos damos conta nesse momento é que a educação, como nos diria Durkheim (apud CHARON, 2001), é um processo de socialização presente em qualquer sociedade e, por isso mesmo, ela é imprescindível a todo e qualquer individuo humano. Conforme Kant (1999, p.11) “o homem é único animal que deve ser educado”. Ela é responsável pela manutenção e perpetuação/conservação da sociedade a partir da transmissão de conhecimentos historicamente acumulados às gerações que se seguem, dos modos culturais de ser, estar e agir necessários à convivência e ao ajustamento de um membro no seu grupo ou sociedade. Em outras palavras, levando em conta as palavras de Kant e Durkheim, educar é socializar para manutenção de uma determinada sociedade e a própria manutenção do individuo em sua vida social. Neste sentido a educação tem sempre uma

dupla intenção: a de educar e formar indivíduos segundo uma perspectiva histórica e social tendo em mira uma determinada sociedade situada num determinado tempo e espaço e de educar o indivíduo para sua própria manutenção e conservação.

Assim o sendo, enquanto processo de sociabilização dos indivíduos para si e para uma determinada sociedade, a educação é um processo imprescindível e permanente e exercida nos diversos espaços-tempo de convívio social, seja para a adequação do indivíduo à sociedade, do indivíduo ao grupo ou dos grupos à sociedade. Nesse sentido, educação coincide com os conceitos de socialização e endoculturação, mas não se resume a estes, mas também guardam múltiplas e variadas dimensões. Segundo Durkheim a boa educação (a qualidade) seria aquela que cumprisse o objetivo de ajustar, conformar os sujeitos na sociedade em que vivem.

Sendo um processo histórico, social e político a educação não é um termo vazio e abstrato, mas uma encarnação concreta sempre vinculada a um determinado tempo e aos interesses de uma determinada sociedade. Daí advém seus múltiplos sentidos. Sentidos esses sempre vinculados a um determinado interesse, pois, não se educa por educar apenas Educa-se sempre *para e por* alguma coisa. Educa-se para a liberdade; educa-se para obediência; educa-se para o mercado de trabalho; educa-se para consumir; educa-se enfim, sempre com algum interesse. E o interesse que está sempre presentes no ato educativo de uma determinada sociedade é que nos permitirá apreender ou nos perguntar sobre a qualidade da educação. De nos perguntar sobre para quem o sentido de qualidade faz ou não algum sentido. Para dizer com Bakhtin (Op. Cit) a qualidade é um signo ideológico. Como tal reflete e refrata uma visão ideológica do mundo tanto daqueles que educam quanto daqueles que são ou estão sendo educados. Será este o principal foco de nossa pesquisa: aprender e perceber o que se quer dizer quando enunciamos sobre a “qualidade da educação”. Trata-se de saber a quem ou para quem estamos nos reportamos e a quem estamos nos filiamos no ato de a enunciarmos.

Mas que coisa é essa coisa que chamamos de qualidade? Segundo a definição presente nos dicionários a palavra qualidade indica uma maneira de ser, boa ou má, de uma coisa como, por exemplo, a qualidade de um tecido, de um solo, de uma comida, de uma pessoa. Nesse sentido todo e qualquer Ser que exista podemos atribuir uma qualidade. Podemos expressar nosso ponto de vista de modo positivo ou negativo. Já logo de início podemos perceber que qualidade não é um conceito objetivo, mas subjetivo e que está relacionado diretamente às percepções de cada indivíduo. E que tais julgamentos ou percepções estão diretamente ligados ou vinculados a diversos fatores

tais como cultura, modelos mentais, necessidades e expectativas que nos influenciam diretamente nesta definição. Percebemos também que a palavra qualidade pode ser utilizada em situações bem distintas e variada. Pode-se falar e atribuímos qualidade a tudo. Podemos falar sobre a qualidade ou não de vida das pessoas, de um país ou região, de uma obra artística, de um diálogo. Podemos falar sobre a qualidade da água que se bebe ou do ar que se respira; podemos falar da qualidade dos serviços públicos, da qualidade dos produtos etc. Portanto, como o termo tem diversas utilizações, o seu significado nem sempre é de definição clara e objetiva.

Sendo um termo equivoco e subjetivo o termo qualidade pode ser olhada por vários pontos de vista. No caso da educação ela pode ser vista pelo ponto de vista, como por exemplo, do ponto de vista dos educadores ou dos educandos; do ponto de vista dos pais dos alunos; do ponto de vista da sociedade em geral. Do ponto de vista de cada ponto de vista, a qualidade se associa à concepção e a produção de algo ou alguma coisa que vá ao encontro das necessidades de cada indivíduo ou grupo de indivíduos; está associada a um valor e à utilidade reconhecidas no produto ou na produção de algo.

Do ponto de vista dos vários atores envolvidos com e na educação, a qualidade não é unidimensional, antes multidimensional. Quer dizer, tanto uns como outros que se encontram nela envolvidos não avaliam a educação levando em conta apenas uma das suas características, um de seus aspectos, mas vários. Por exemplo, o espaço físico, o currículo, os métodos, a formação dos professores, as necessidades da própria sociedade e etc.: Assim, a qualidade é um conceito multidimensional. A qualidade tem muitas dimensões e é por isso um termo mais difícil de definir. Em todos os casos ela só é qualidade quando atende plenamente ou em parte as nossas expectativas em relação a ela. Ela só é qualidade quando estiver relacionada às nossas satisfações. Portanto, poderíamos concluir que perguntar-nos sobre a “qualidade da educação” é perguntar-nos antes e primeiro pela nossa própria satisfação em relação a ela.

Referencias bibliográficas

ANDREONI, João Antônio (Antonil). Cultura e opulência do Brasil. Belo Horizonte : Itatiaia, 1982, p. 89.)

BAKHTIN, M. Mikhail (Voloshinov). Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1992.

Charon, Joel M. Sociologia. São Paulo : Saraiva, 2001

KANT, Immanuel. Sobre a pedagogia. Piracicaba : Editora Unimep, 1999.

ROUSSEAU, Jean-Jaques. Emilio ou da educação. São Paulo : Martins Fontes, 1995

Documento: BRASIL, Constituição de 1988